

# OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Modalidade: ACERVO DE MEMÓRIAS<sup>1</sup>

**Ana Cristina Ramos da SILVA**

Licenciada em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia

E-mail: [khrysramos@bol.com.br](mailto:khrysramos@bol.com.br)

## INTRODUÇÃO

A etapa de observação do Estágio de Biologia, que transcorreu no período de cinco a vinte e sete de novembro de 2002, teve como objetivo observar a prática docente de um professor de Biologia. E nada melhor que no contexto dinâmico, da sala de aula, para vislumbrar sistematicamente aspectos relevantes da mesma, tais como: a relação professor-aluno, a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, os conhecimentos prévios dos educandos, o modo como os conhecimentos prévios são articulados aos conhecimentos científicos, as motivações dos alunos frente ao conteúdo exposto e do professor em relação aos mecanismos que utiliza para suscitar no aluno à vontade, o desejo, a paixão pela busca do conhecimento a partir dos conhecimentos que já possui oriundos de experiências vivenciadas pelo mesmo, ou seja, sua metodologia para despertar uma aprendizagem significativa.

Como *locus*, observei três turmas do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, compostas respectivamente, por trinta e sete, trinta e seis e vinte e oito alunos, orientados pela mesma professora da disciplina Biologia, que exerce a sua prática docente acerca de dez anos.

Nestes três cenários, optei pela *observação direta*, para verificar como os conhecimentos prévios eram buscados e como eram articulados aos conteúdos abordados no contexto da sala de aula, a saber, “respiração celular”, “fermentação” e “fotossíntese”. Esses conteúdos foram enriquecidos por maquetes construídas pelos alunos e por atividades práticas em laboratório.

Para nortear a fundamentação teórica, recorro a Coll (1999), Miras (1999), Zabala (1998), Laburu (1992), Rabelo (1998), Salgado (2000), Abramawicz (2001), Pacheco (1992), Carvalho e Gil-Perez (1995), Becker (1993), Silva e Tunes (1999), visto que os mesmos abordam de forma peculiar, sobre a busca e importância de se trabalhar os conhecimentos prévios no contexto da sala de aula colocando esses conhecimentos prévios como fator determinante de uma aprendizagem significativa.

---

<sup>1</sup> Artigo sobre o Estágio de Observação, apresentado na disciplina EDC 958 – Metodologia de Ensino de Biologia, ministrada pela professora Valdecí dos Santos, no semestre 2002.2, na Universidade do Estado da Bahia / Campus II - Alagoinhas.

## DISCUSSÃO

“A educação é uma arte. O educador é um artista”.  
(Rubem Alves, 2001).

A bagagem existencial do professor como profissional se traduz no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, no que deixa transparecer no ato de ensinar, na seleção das atividades, nos objetivos e metodologia mais adequados e nas descobertas que faz no cotidiano da sala de aula.

Salgado (2000) define a prática pedagógica como uma prática social específica, de caráter histórico e cultural que vai além da prática docente e das atividades didáticas dentro da sala de aula, abrangendo outras duas dimensões: a comunidade e a sociedade. Assim, a prática pedagógica se caracteriza por abarcar uma diversidade de experiências integradas na sala de aula, na escola e no próprio sistema educacional. Essa prática é uma ação social transformadora que deve considerar o aluno como sujeito ativo do seu próprio processo de ensino-aprendizagem portadores de experiências singulares, de uma forma específica de pensar, enfim, de uma história de vida.

Nesse âmbito, as ações pedagógicas envolvem não só a sala de aula, bem como conhecer as concepções, inquietações e objetivos de vida dos alunos e nada mais propício, visto que esta se tratando de prática pedagógica, que ser o professor o profissional responsável em ajudar o educando a desenvolver a capacidade de organizar informações prévias assimiladas no cotidiano, conduzindo-os através do diálogo com suas próprias experiências, desenvolver a criticidade diante do confronto de informações.

A sala de aula desvela os erros, acertos e conflitos de uma prática docente. Recorro a Barreto<sup>2</sup> que escrevendo sobre a dinâmica da sala de aula afirma que:

Professor e aluno são indivíduos que estão no mundo, não como individualidade à parte (...) ativos em constantes interações, ou seja, dando e recebendo influências de outros indivíduos, da escola, da família, dos meios de comunicação e da sociedade em geral. São indivíduos concretos, plurais, conjunto de momentos históricos, sem ser soma de suas partes, ou seja, indivíduos que tem uma existência real e concreta...

A reflexão do contexto supracitado nos conduz para o espaço de construção diária e desafiador da sala de aula, onde se encontram os sujeitos professor e aluno, que interagem mediados pelo conhecimento. E como ambos trazem um conjunto histórico de conhecimentos vivenciados por cada um individualmente de acordo com a realidade em que vivem e dentro das relações sociais que estabelecem, a sala de aula torna-se um espaço adequado para o compartilhamento de uma gama de informações que gerará a construção e/ou reconstrução de conhecimentos.

Dessa forma, é complicado pensar a relação professor-aluno distanciada da sala de aula e vice-versa, haja vista que esta é cenário para a sistematização de conhecimentos que irão, sob orientação do professor, serem socializados de forma prazerosa, por meio das relações afetivas vivenciadas entre alunos/alunos e alunos/professor. Confirmando o que foi dito, Silva & Tunes (1999) afirmam que a ação do professor está em justamente proporcionar o aprimoramento do raciocínio do aluno através de atividades e metodologia adequada, possibilitando que este articule os conhecimentos que estão sendo veiculados em sala, promovendo o entendimento e desenvolvimento do aluno. Justamente nesse aspecto

---

<sup>2</sup> CEAP – Revista de Educação nº 10, p.20-26.

reside o papel social do professor, quando este procura situar sua prática docente no espaço e tempo históricos favorecendo a produção de conhecimento do aluno.

Viver afetivamente a tarefa docente utilizando o afeto e a ternura como caminhos que possibilitam o encontro professor-aluno-vida, é colocar o aluno como indivíduo singular, único com seus medos, fraquezas e capacidades. Isso abre espaço para compreendê-lo em sua busca e alcançar as suas necessidades existenciais. Ficou nítido que a prática docente da professora observada tem como marco a afetividade e em vista disso, sua relação com os alunos e de respeito e responsabilidade, haja vista que os mesmos sentem prazer em assistir suas aulas.

A pedagoga Maire Abramawicz (2001)<sup>3</sup> assinala que “A afetividade do aluno está clara no entusiasmo ao apresentar uma pesquisa, ao descobrir a solução de um problema, ao vibrar com o trabalho realizado”. Esses são os indicadores da afetividade, sendo também tarefa do educador ajudar na construção de um indivíduo feliz, através de um processo de aprendizagem prazeroso que abre brechas para as conquistas particulares de cada um.

Nossa história é construída por ações que se somam fazendo-nos seres humanos capazes de tomar decisões e ter opiniões próprias. O aluno tem uma bagagem determinada e diferente em relação às experiências vividas, de acordo com o ambiente familiar e sócio-cultural em que está inserido e com suas características singulares preponderantes na construção não só da sua história bem como de sua personalidade.

Quando fala da importância da avaliação formativa, Zabala (1998) nos diz que essas experiências vividas particularmente por cada um constituem o valor básico de qualquer aprendizagem e isso obriga o professor a levar em consideração essa diversidade, haja vista que a mesma gera diferentes processos de aprendizagem. Esses surgem a partir de significados construídos previamente pelo aluno e que formam a bagagem de conteúdos assistemáticos que possui.

Para uma aprendizagem significativa, faz-se necessário levar em conta a disposição e o sentido para aprender, a capacidade e os conhecimentos prévios do aluno. Para este, o conteúdo sistemático terá sentido quanto mais tiver relação com seu cotidiano, pois a possibilidade de aprender é determinada pelos conhecimentos prévios que este possui.

Pacheco (1992)<sup>4</sup> em seu artigo sobre a construção do conhecimento e Ensino de Ciências destaca a importância de buscar os conhecimentos prévios quando diz: “[...] enquanto não assumirmos o nosso aluno como construtor e possuidor de idéias e não organizarmos o nosso ensino a partir dessas idéias que o aluno já possui, pouco estaremos fazendo para facilitar a sua aprendizagem.” Isso sinaliza o quanto é necessário conhecer não só a bagagem de conhecimentos do aluno, assim como quais são suas capacidades e limites, para se traçar objetivos, metodologia e atividades adequadas que favoreçam a construção de novos conhecimentos.

É irrevogável dizer que aquilo que o educando aprende depende da interação entre conceitos científicos passados pelo professor e de seus conhecimentos prévios, isto é, conceitos e significados já existentes no aluno por meio de um processo próprio de aprendizagem. Rabelo (1998) diz que a interferência tanto do professor bem como dos próprios colegas possibilitam a construção de um conhecimento social organizado. No confronto das idéias existentes no aluno com as veiculadas em sala de aula de caráter científico é que se têm possibilidades de uma aprendizagem que tenha significado. Aliás, quanto maior for a relação dos conhecimentos prévios com os conhecimentos científicos,

<sup>3</sup> Nova Escola. Um reflexo fiel da escola. Novembro de 2001. Ano XVI., nº 47, p. 23-25.

<sup>4</sup> EM ABERTO. Brasília, ano 11, nº 55, jul/set, 1992 p. 17-22.

mais significativa e importante será a aprendizagem. O professor deve criar condições para que isso aconteça, buscando saber como o aluno aprende para saber o que fazer para auxiliar o seu processo de aprendizagem.

A busca de conhecimentos prévios pode se dá através do conflito. Este gera dúvidas levando a busca de novos conhecimentos. Nesse aspecto, Laburu (1992)<sup>5</sup> realça a importância de se provocar o “conflito”, “a perturbação” e a “insatisfação” para com as concepções prévias do sujeito. Este conflito pode ser instalado por meio de situações-problemas cuja resolução não é possível pela utilização do que o aluno já sabe.

Dessa forma, a problematização como recurso pedagógico, propicia ao aluno condições para que ele se de conta de seu potencial de sujeito no processo de conhecimento e com o desenvolvimento de sua autonomia. Além do mais é um recurso que permite uma relação dialética e dialógica entre educador e educando, o que faz com que aprendam juntos e assim produzam novos conhecimentos.

O interesse do aluno parte de uma necessidade que ele possui, seja ela ao nível de realização, informação, aprofundamento ou simplesmente por curiosidade. Para despertar esse interesse, é preciso que o objetivo de uma atividade esteja bastante claro. Caso contrário, apenas tentarão cumprir a atividade, dando um caráter superficial a aprendizagem. Foi justamente isso que aconteceu nas duas primeiras turmas que foram observadas, ao tentar se realizar experimentos referentes ao assunto, visto que não conseguiram se desprender do conteúdo apresentado pelo livro didático, apesar dos esforços da professora, demonstrando que não compreenderam o sentido de tal atividade. A terceira turma demonstrou ter entendido claramente o objetivo da atividade, apresentando respostas aos questionamentos da professora, ligadas as vivências diárias.

Miras (1999) assinala que a disposição para realizar uma atividade proposta depende de fatores pessoais como entre outros o grau de equilíbrio, auto-imagem, auto-estima e experiências anteriores e de fatores interpessoais como o interesse e expectativas que tem em relação a essa atividade.

## CONCLUSÃO

Ressaltando a importância dos conhecimentos prévios para conhecer e continuar aprendendo, é de extrema necessidade para a realização de novas aprendizagens, que os professores percebam estes conhecimentos dos alunos sobre o tema a ser estudado, visto que na aprendizagem, todos os conhecimentos que o aluno possui são importantes. Nesse aspecto o professor precisa ser hábil para saber selecionar aqueles que participarão do conteúdo em questão, lembrando-se que esses conhecimentos podem ser verdadeiras teorias construídas no cotidiano.

Nessa busca dos conhecimentos prévios a qual foi feita no início da aula, a professora observada fez com que os alunos refletissem sobre a importância da fotossíntese e respiração para a manutenção da vida, solicitando que os mesmos se expressassem livremente. Pacientemente e de um jeito muito afetivo, foi introduzindo os termos científicos nas falas dos alunos, pedindo que estes reformulassem as idéias pessoais com esses termos, fazendo com que percebessem que o conteúdo que estava sendo estudado não era desconhecido para os mesmos.

---

<sup>5</sup> EM ABERTO. Brasília, ano 11, n° 55, jul/set, 1992 p. 23-28.

Portanto, se o enfoque é a construção de significados deve-se buscar uma metodologia adequada que desperte o interesse do aluno e que possibilite que este compreenda o conteúdo a partir dos conhecimentos prévios que possui. Para isso o professor precisa ter habilidades para questionar quais são esses conhecimentos e partindo deles selecionar os meios mais apropriados para se alcançar os objetivos propostos para determinada atividade.

Assim, no contexto da sala de aula é imprescindível para uma aprendizagem significativa, que o professor busque os conhecimentos que o aluno já possui, e considere também que para enfrentar a aprendizagem ele conta não somente com seus conhecimentos prévios, assim como com sua disposição para aprender e com o sentido que se tem o conteúdo. Não perdendo de vista que tudo que está ao redor do aluno, as relações afetivas que mantém com os familiares, com o professor, com os colegas e com os amigos, irá influenciar no seu processo de aprendizagem.

O que o professor deve fazer para ensinar de modo coerente com o estado inicial do aluno, é conhecer quais são as “ferramentas” que ele possui, ou seja, quais são as suas capacidades gerais, instrumentos, limites, disposição, assim como quais são os conhecimentos prévios que possui.

O professor é um artista e como tal deve procurar constantemente aperfeiçoar sua arte que é a educação, utilizando o espaço propício da sala de aula, que o possibilita crescer como ser humano e ampliar seus conhecimentos ao permitir que os alunos expressem os seus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2001. p. 39.

BECKER, Fernando. A epistemologia do professor: o cotidiano da escola. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 344p.

CARVALHO, Anna M. Pessoa de. GIL-PÉREZ, Daniel. Formação de professores de ciências: tendências e inovações. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995. 120p.

CEAP – Revista de Educação nº 10, p.20-26.

COLL, César et al. O construtivismo na sala de aula. 6. ed. São Paulo: Atica, 1999.221p.

EM ABERTO. Brasília, ano 11, nº 55, jul/set, 1992 p. 17-22.

EM ABERTO. Brasília, ano 11, nº 55, jul/set, 1992 p. 23-28.

MIRAS, Mariana. Um ponto de partida para a atividade de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL, César et al. O construtivismo na sala de aula. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 59.

NOVA ESCOLA. Um reflexo fiel da escola. Novembro de 2001. Ano XVI., nº 47, p. 23-25.

RABELO, Edmar Henrique. Avaliação: novos tempos, novas práticas. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa. “Um olhar sobre a formação dos professores em serviço”. In: Um olhar sobre a escola. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000. p.13-30

SILVA, Elzamir Gonzaga, TUNES, Elizabeth. Abolindo mocinhos e bandidos: o professor, o ensinar e o aprender. Brasília: UnB, 1999. 268p.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998. C. 8, p. 198

SILVA, Ana Cristina Ramos da. Os conhecimentos prévios no contexto da sala de aula. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 2 (jul. - dez. 2005), Feira de Santana, dez./2005. p. 6-11. Disponível em: <http://www.valdeci.bio.br/revista.html>. Acesso em: DIA mês ANO.